



EPEPE
ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

Eixo temático: 7 - Educação de crianças de 0 a 6 anos

O ESPAÇO DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REALIDADE DE UMA SALA DE AULA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BREJO DA MADRE DE DEUS-PE

Ítala Michella Almeida – UFPE/CAA

Maria Geiziane Bezerra Souza-UFPE/CAA

Priscila Maria Vieira dos Santos Magalhães- UFPE/CAA

RESUMO

Este trabalho busca analisar qual o espaço do lúdico em uma sala de aula da educação infantil da rede municipal de ensino da cidade de Brejo da Madre de Deus-PE. Para pensarmos nosso objeto de estudo nos apoiamos em autores como Galvão (2004), Kramer (2007), Santos (1999), Borba (2009) entre outros. Em se tratando do percurso metodológico, realizamos entrevista semiestruturada com a professora e com as crianças da turma de Pré-escola II da referida cidade. Nossas primeiras análises apontam que a professora não considera a relevância da utilização do aspecto lúdico na educação infantil, não fazendo uso de jogos brincadeiras em sua prática diária nem para o ensino dos diversos conteúdos, nem para o desenvolvimento de atividades recreativas, o que demonstra o pouco espaço e lugar marginal que o lúdico ocupa em sua sala de aula.

Palavras-chave: Educação Infantil. O espaço do lúdico. Jogos e brincadeiras.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se inscreve no campo das discussões sobre infância e educação de crianças de 0 a 6 e visa analisar qual o espaço do lúdico em uma sala de aula da educação infantil da rede municipal de ensino da cidade de Brejo da Madre de Deus-PE, buscando para tanto constatar a visão da docente em relação à utilização do lúdico na educação infantil, identificar de que forma o lúdico se faz presente na sala de aula da referida turma e reconhecer quais atividades realizadas de forma mais prazerosa pelas crianças.

Assim, num primeiro momento trouxemos neste estudo o nosso dialogo teórico sobre o lúdico e sua relevância para o desenvolvimento das crianças na faixa etária da educação infantil. Num segundo momento apresentamos o percurso metodológico que trilhamos. Posteriormente apresentamos três tópicos referente a nossa análise e discussão dos dados e por fim algumas considerações.

RECORTE TEÓRICO

Para desenvolver uma discussão mais significativa sobre o lúdico na educação infantil realizamos um levantamento bibliográfico, onde foram encontrados diversos autores como Galvão (2004), Kramer (2007); Estrela (2002), Oliveira (2002), Craidy e Kaercher (2001), Ariés (1981); Bherihg (2004), Fernandes (2008), que tratam de assuntos relevantes sobre a temática apresentada, sendo que apenas alguns foram utilizados nesse trabalho.

Ao se analisar a dinâmica do comportamento das crianças pequenas na educação infantil, é possível perceber que a mesma é diversa e que se modifica constantemente mesmo em espaços de tempo muito curtos e de acordo com as novas situações que se apresentam. Além disso, o grau de interação das mesmas com as atividades depende, em grande parte do quanto elas lhes são atrativas e motivantes. A movimentação das crianças é algo que se manifesta nas diversas situações em sala de aula, porém, a maioria das atividades propostas pelo/a professor/a exige o maior nível de contenção motora e imobilidade possível. Assim, Galvão expõe que:

Sendo exceção as atividades em que o movimento é a finalidade a tendência é de a criança em diversos momentos – como após o término das atividades – se entreguem a atividade de expansão motora e que tenham atenção distribuída – ficar de pé, andar pela sala, correr, brincar de luta, conversar com os colegas – numa compensação do momento anterior de concentração sedentária (GALVÃO, 2004, p.58).

Nesse sentido, diversas vezes o movimento e a agitação das crianças pequenas são tidos pelo/a professor como indisciplina, além disso, é muito comum que o modelo de sala de aula desejado pelo professor seja um modelo de comportamento padrão, uniforme, onde todas as crianças tenham as mesmas atitudes, o mesmo comportamento e até as mesmas realidades. Dessa forma é muito comum encontrar em meio ao âmbito educacional, docentes que idealizam uma turma perfeita, em que todos os seu componentes estejam ansiosos e empenhados em aprender, e mais, que tendo em vista alcançar tal fim, as crianças estejam centradas em sua figura de professor, legitimando sua autoridade; mas o que de fato se

evidencia é que tais questões não passam de aspirações, já que é grande a distância existente entre as idealizações em torno da criança e aquilo que é próprio da dela (SARTORE, 2011).

Dessa forma, não se pode falar em uma valorização da movimentação característica do indivíduo na faixa etária da Educação infantil, por parte dos adultos que atuam com ele neste nível de ensino, sendo constantes as tentativas de repressão, que tem por finalidade criar um estado de contenção dos movimentos, originar um ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento - que por vezes são moldados de forma estigmatizada pelo/a professor/a. Porém, se analisados do ponto de vista da psicomotricidade, os movimentos apresentam-se como um mecanismo necessário ao desenvolvimento sadio, visto que é por seu intermédio que a criança realiza ações como, a exploração do próprio corpo e do ambiente físico que à circunda, que se socializa e que pode dispor de diversas situações e de novas e possíveis dúvidas, soluções e experiências (KRAMER, 2007).

Assim, a ação do adulto no contexto da criança é de grande importância no desenvolvimento infantil e pode interferir tanto de forma positiva quanto de forma negativa, dependendo dos objetivos que se tem e das possibilidades ofertadas. Nessa perspectiva, para teóricos como Piaget, o desenvolvimento não resulta apenas dos fatores trazidos pelo organismo do indivíduo, mas de uma combinação entre eles e às implicações ofertadas pelo meio no qual está inserido, sendo dessa forma, necessária a interação entre organismo e meio (KRAMER, 2007).

Vistas estas questões, e percebida a relevância dos movimentos para a criança, outro elemento aparece como sendo de inteira importância para o processo de desenvolvimento infantil é a brincadeira; elemento de constante presença no mundo das crianças, e grande ferramenta para o trabalho educacional com esse público. Conforme Santos (1999, p. 95): “a brincadeira simbólica e os jogos são atividades nas quais as crianças colocam em ação toda a sua energia, expressividade e inventabilidade, desempenham papéis lúdicos e exercitam a convivência em grupo”. Partindo desse pressuposto observa-se a necessidade de as brincadeiras serem vivenciadas também no ensino infantil, por possibilitarem a criança entrar em contato com um mundo novo(que o apresentado pela escola), mas o fazendo a partir da utilização de elementos que ela utiliza em suas experiências.

Dessa forma, depreende-se que o aspecto lúdico e os movimentos são de suma importância para a socialização e inserção da criança nas atividades e no contexto escolar, uma vez que torna o ambiente mais íntimo, acarretando inúmeros benefícios a mesma, sem que seja necessário abrir mão de suas especificidades.

Ao não considerar a relevância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil e para a concretização de objetivos pedagógicos na educação das crianças pequenas, o/a professor/a não leva em consideração que a mesma se constitui como uma necessidade da criança, uma vez que como defende Borba (2009) o brincar favorece a constituição da criança enquanto agente de sua experiência social contribuindo com o desenvolvimento de sua autonomia, com a construção de regras convivência e com a socialização da mesma, sendo um dos pilares da constituição das culturas da infância (significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si e o modo de interpretação, representação e ação das mesmas sobre o mundo).

Diante do exposto percebemos as contribuições do lúdico na educação infantil para o desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos e a influência que os adultos podem desempenhar nesse processo, de modo a influenciá-lo positiva ou negativamente, a depender da concepção assumida e das ações desenvolvidas.

PERCURSO METODOLOGICO

O presente trabalho foi desenvolvido em uma turma da Pré-escola II de uma instituição pública de ensino da cidade de Brejo da Madre de Deus-PE. A referida era composta por 15 crianças que se encontravam na faixa etária de aproximadamente 5 anos de idade e cuja maioria já estava na escola a mais de um ano.

Com vista a atingir os objetivos propostos nesse trabalho realizamos um estudo qualitativo, uma vez que consideramos que ele possibilita uma maior compreensão da temática abordada. Realizamos também uma pesquisa bibliográfica, por compreendermos que este tipo de pesquisa nos propiciaria uma relevante quantidade de conhecimentos teóricos.

Buscando uma maior aproximação dos alunos e alunas e da professora de uma turma de educação infantil de uma escola municipal da cidade de Brejo da Madre de Deus-PE e objetivando conhecer a dinâmica do cotidiano da sala de aula em que atuam nos utilizamos da observação participante, por esta ser parte essencial do trabalho pedagógico e incidir no contato direto com o campo de estudo, facilitando a compreensão da realidade no qual os sujeitos estão imersos (MINAYO, 2008).

A entrevista gravada, que segundo Ludke e André (1996, p. 37) “tem a vantagem de registrar todas as expressões orais imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar atenção ao entrevistado”, foi de grande importância para a coleta de dados, uma vez que nos possibilitou constatar a visão da docente em relação à utilização do lúdico na educação

infantil, nos permitindo também perceber de que modo o mesmo se fazia presente em sua prática diária em âmbito escolar. Outro elemento relevante para tal foram as entrevistas informais, que conforme Gil (1999) só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados.

Para identificar de que forma o lúdico se fazia presente na sala de aula da educação infantil e reconhecer quais atividades realizavam de forma mais prazerosa pelas crianças realizamos uma entrevista com cinco crianças consideradas indisciplinadas pela docente, levando em conta que elas possuem especificidades que a diferem do adulto, respeitando seus limites na conversa, como as respostas curtas e seus espaços de tempo em silêncio (CORSARO, 2005, p. 448).

Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo, por estase configurar enquanto “procedimento, ou conjunto de procedimentos, realizados em uma pesquisa, que tem como pano de fundo a mensagem, seja ela verbal, gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada e por situar-se em um delineamento mais amplo da comunicação” (FRANCO, 2008, p. 23).

O LÚDICO NO ÂMBITO ESCOLAR

Mediante as observações que realizamos da prática da professora no cotidiano da sala de aula da educação infantil verificamos que a mesma não faz uso do aspecto lúdico em suas atividades, o que também se explicita em sua fala quando diz:

Não. Os jogos e as brincadeiras não estão presente na rotina em sala, o único momento é o recreio, às vezes eu levo eles na biblioteca, lá tem jogos, tem filmes pra eles assistirem e chegou uma coleção nova na escola... são muito bons os jogos. São jogos de caça-palavras, dominós de sílabas (PROFESSORA, 2011).

Percebemos dessa forma, que a pesar da escola possuir jogos e materiais que poderiam ser utilizados para a realização de diversas brincadeiras como corda, bambolê e outros, a docente não os utiliza em suas aulas nem para o ensino dos conteúdos, nem para a recreação das crianças. Desse modo, os únicos momentos destinados às brincadeiras são aqueles que ocorrem no recreio (como se ele fosse suficiente para as brincadeiras das crianças), momento estes em que as crianças brincam livremente e se envolvem com alunos/as de outras turmas nos diversos espaços da instituição.

As crianças também revelam esse fato quando perguntamos se elas brincam na sala e se gostam das brincadeiras que a professora realiza, e colocam:

-“Não que tia briga. Ela só deixa brincar no recreio. Ela não faz brincadeira” (ALUNO 4, 2011).

-“Só no recreio se não tia briga com a gente. Tia nunca faz brincadeira por isso eu não gosto” (ALUNO 5, 2011).

Com base nos relatos apresentados e nas observações realizadas percebemos que além de o lúdico não ser utilizado pela professora de forma direcionada tendo em vista a aprendizagem de dado conteúdo, também não eram proporcionados momentos para as brincadeiras e o uso de jogos de maneira livre. Outro aspecto a ser destacado é que mesmo as brincadeiras realizadas pelas crianças durante o período em que se encontravam em sala de aula, sem o consentimento da educadora deviam ser contidas a fim de não perturbar a ordem do ambiente.

Observamos também que o foco assumido pela professora como direcionador de sua prática era a preparação das crianças para adentrarem no primeiro ano do ensino fundamental, isto é, havia um grande preocupação com a alfabetização das crianças. Esse fato também pode ser evidenciado quando a mesma expõe: “Meu objetivo em relação à turma é que eles cresçam que eles cresçam... e no próximo ano estejam bem desenvolvidos para fazer uma boa 1ª série. Que estejam bem desenvolvidos na leitura e na escrita” (PROFESSORA, 2011).

Diante disso, percebemos que a preocupação da docente com a alfabetização se apresentava como um dos fatores que contribuía para que ela não fizesse uso do lúdico em suas aulas, como se ao se utilizar dele estivesse deixando de trabalhar os conteúdos que julgava serem importantes para sua iniciação no ensino fundamental e como se os jogos e as brincadeiras estivessem dissociados desse processo, não lhe oferecendo nenhuma contribuição.

A RELEVÂNCIA DO ASPECTO LÚDICO E DOS MOVIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Partindo desse pressuposto, entende-se que o aspecto lúdico é de grande importância para as crianças, uma vez que é por seu intermédio que as mesmas realizam boa parte de suas atividades nessa etapa da vida. É através das brincadeiras, por exemplo, que elas descobrem o mundo, a si e aos outros, e isso não se dá de forma mecânica, mais por meio de um processo espontâneo em que tais indivíduos conhecem, exploram, brincam, participam e se divertem concomitantemente. Nesse sentido, concordamos com Santos (1999, p. 97) quando expõe que:

A imitação e os jogos são fontes de prazer e divertimento para as crianças e são também, fatores fundamentais para a aprendizagem das mais diversas funções, constituindo formas de reflexão do mundo por parte da criança, que experimenta papéis e situações e exercita a convivência em grupo. (SANTOS, 1999, p. 97).

Diante disso, questionamos as crianças a respeito das atividades que mais gostavam de realizar na escola, e a brincadeira foi unânime, aparecendo em todas as falas como se pode observar:

-“Escrever e brincar” (CRIANÇA 1, 2011).

-“Brincar!” (CRIANÇA 2, 2011).

-“Brincar” (CRIANÇA 3, 2011).

-“Estudar e brincar” (CRIANÇA 4, 2011).

“Brincar”. (CRIANÇA 5, 2011).

Mediante a isso percebemos a valorização das brincadeiras por parte das crianças, sendo a atividade mais citadas, o que demonstra que mesmo diante das constantes exigências de contenção motora da professora e da ausência do lúdico nas aulas, elas a destacam como sendo suas predileções. Nesse sentido, a maioria das atividades que tais crianças mais gostam de desenvolver não está relacionada às atividades proporcionadas pela educadora, uma vez que apenas duas delas – o aluno 1 e ao aluno 4 - citam além do brincar, estudar e escrever. Isso demonstra que o recreio é um dos momentos mais marcantes e porque não dizer o mais marcante para elas, devido ao fato de poderem brincar e não terem de estar o tempo inteiro submetidas às exigências de contenção motora da professora.

Tratando da relevância dos movimentos para o desenvolvimento infantil de acordo com a perspectiva de Walloniana, Galvão expõe que:

a origem afetiva da motricidade se faz presente em toda a idade pré-escolar, por meio de uma gestualidade que funciona como recurso de interação da atividade intelectual, da percepção e da linguagem e cujas características se distanciam do estrito encaixe às características objetivas do meio físico, tal como pensado pelos adultos (GALVÃO, 2004, p. 74).

Desse modo, como foi possível observar na sala de aula em que desenvolvemos este estudo as crianças se utilizam da gestualidade tanto para executar diversas ações, como para responderem a indagações dos colegas e da professora ou em conversações simples, o fazendo como muita naturalidade e se diferenciando dos adultos em sua expressividade. Assim, uma criança descreve um animal, ela não somente fala como também utiliza da gestualidade, abrindo os braços para dizer que ele é muito grande, por exemplo, e em muitos casos chega a imitá-los, saltitando, correndo, rastejando.

Diante disso, entendemos a expressão dos movimentos como uma prática dotada de sentidos e valores, que não se limitam ao plano da simples execução, mas a um patamar mais

elevado, que reflete nos múltiplos aspectos do desenvolvimento infantil, na medida em que são realizadas de forma espontânea pelas crianças.

Assim, fatores como a gestualidade e a movimentação das crianças em sala, têm uma ligação direta com a interação entre os sujeitos, com a socialização, e com a prática intelectual dinâmica, e ativa em âmbito escolar, contribuindo também, na medida em que se faz presente nas vivências, com o melhor desenvolvimento das atividades que acompanham a necessidade da execução motora de um modo geral, possibilitando ainda uma maior articulação entre os indivíduos no que diz respeito a afetividade. Os aspectos aqui apresentados ficam ainda mais evidentes na fala professora que diz:

Eu percebo um problema com as meninas, é que mesmo as meninas sendo mais quietas, ficando mais caladas, elas aprendem menos do que os meninos, que são mais agitados. (PROFESSORA- 26/10/2011, ver grelha de dados da professora).

Nesse sentido verificamos na fala da docente que a mesma percebe - ainda que não utilize e valorize em sua prática os movimentos, a agitação das crianças e o aspecto lúdico – que imobilidade e contenção motora não são fatores determinantes para a aprendizagem e o êxito na realização das atividades, uma vez que, mesmo estando envolvidos pela gestualidade e pelos movimentos e das descargas motoras, há crianças que se desempenham mais exitosamente que as circunscritas no primeiro caso. Entendemos assim, que mesmo em um ambiente onde predomine a imobilidade e em que os comportamentos condigam com as exigências de ordem, não é garantia de sucesso e da conquista das capacidades almejadas.

FATORES QUE OCASIONAM O COMPORTAMENTO DE AGITAÇÃO DAS CRIANÇAS

Percebemos mediante as observações realizadas que as exigências de contenção motora e de imobilidade por parte da professora em relação as crianças eram constantes. Notamos também que estas exigências eram feitas diante das tentativas de brincadeiras e de conversas durante a realização de dadas atividades ou mesmo quando as crianças estavam com tempo livre. Nesse sentido, podemos relembra as ideias de Galvão (2004 p. 59) quando afirma que: “a dificuldade de as crianças se manterem na posição exigida somada à rigidez em cobrar obediência às prescrições posturais configuram um desencontro entre a atitude das crianças e a expectativa da professora, o que gera numerosos conflitos”.

Partindo desse pressuposto temos que são constantes os momentos em sala de aula em que as cobranças em torno do comportamento excedem as possibilidades da criança, uma vez que lhe é exigido que passe longos períodos sentadas de forma “correta”, gesticulando o

mínimo possível, sem conversar com os colegas e que tenha um alto grau de atenção e de controle de suas ações (o que geralmente não é possível ocorrer com crianças que se encontram nessa faixa etária por não terem um controle entre aquilo que desejam realizar e o que de acordo com os outros não podem realizar). Diante disso, há um desencontro entre o ambiente perfeito idealizado pelo professor, que passa a pressionar as crianças para uma nova postura comportamental, e as atitudes das últimas, que necessitam descarregar suas energias motoras, o acaba criando um clima de tensão entre os sujeitos.

Quando interpelada a respeito de quais seriam as possíveis causas da agitação das crianças em âmbito escolar a docente afirma: "Eu acho que e o fato deles assistirem muito à televisão, tem muitos desenhos animados violentos" (PROFESSORA, 2011).

Assim, a agitação das crianças é entendida pela docente como decorrente de fatores externos, que refletem de forma negativa no interior do ambiente escolar, mais especificamente na vivência em sala de aula. No entanto, ao se perceber a agitação das crianças como um fator externo ao ambiente escolar deixa-se, por vez, de considerar as causas e influências internas, ligadas as práticas do professor, ao tipo de atividade proposta à criança, a pressão em torno de um comportamento nos mundos exigidos e principalmente deixa-se de considerar elementos marcantes, repletos de sentido e próprio do indivíduo nesta etapa da vida.

Mas quando interpeladas sobre o porquê de não se comportarem de acordo com as exigências da professora, as crianças expõe motivos que não condizem com os expressos pela professora e que não tem nenhuma ligação com fatores externos, como pode ser percebido nas seguintes falas:

-“Porque eu gosto de brincar” (CRIANÇA 2, 2011).

-“Porque eu gosto muito de brincar” (CRIANÇA 3, 2011).

-“Porque agente gosta de conversar dizendo de que agente vai brincar” (CRIANÇA 4, 2011).

É possível perceber dessa forma, que as crianças não se portam de maneira solicitada pela docente por estarem desejosas de brincar e por quererem falar a respeito do que iriam brincar no recreio. Nesse sentido, percebemos que um dos fatores que contribuem com essa questão é o fato da professora não proporcionar momentos lúdicos em sala de aula, sejam eles livres ou direcionados.

Assim, sendo as brincadeiras algo que acompanha as crianças desde os primeiros meses de vida como uma forma de prazer e de exploração do ambiente ela não pode ser deixada à margem ao entrar no ambiente escolar. E uma vez trazidas por esta para o seio da sala de aula, são interpretadas pelo professor como práticas violentas (como visto

anteriormente). Mas para a criança, que não as percebe dessa forma, existe um todo significativo que as circunda, isso fica claro em suas falas suas brincadeiras prediletas:

- “De boneca e de correr” (CRIANÇA 1, 2011).
- “Eu gosto de brincar de correr, de homem aranha e de Neymar” (CRIANÇA 2, 2011).
- “Eu brinco de correr e de polícia e bandido” (CRIANÇA 3, 2011).
- “Toca, esconde-esconde, de bola, de corrida de moto” (CRIANÇA 4, 2011).
- “Sim, de armadilha, de boliche, de pula-pula” (CRIANÇA 5, 2011).

De fato observamos que as brincadeiras e os movimentos das crianças eram brincadeiras próprias da faixa etária que estavam vivenciando e que aquilo que era tido como uma forma de violência e indisciplina pela professora era algo decorrente do tipo de brincadeira desses indivíduos, brincadeiras estas que envolviam a agilidade, a movimentação, o faz-de-conta e as descargas motoras compensatórias da privação dos movimentos e das exigências de imobilidade exercidas por ela.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No âmbito do caso da turma do Pré-Escolar II e dos objetivos traçados mediante ele, e ainda confrontando os dados colhidos a partir dos sujeitos com outros que trabalham os temas aqui abordados, foi possível constatar que a professora não considera a relevância da utilização do aspecto lúdico na educação infantil, não fazendo uso de jogos brincadeiras em sua prática diária nem para o ensino dos diversos conteúdos, nem para o desenvolvimento de atividades recreativas, o que demonstra o pouco espaço e lugar marginal que o lúdico ocupa em sua sala de aula.

Identificamos também que os momentos lúdicos vivenciados pelas crianças restringem-se as brincadeiras realizadas por elas no recreio, devido ao fato da docente não proporcionar momentos como estes dentro de sala seja de forma livre ou direcionada, notando ainda as constantes repreensões e exigência de contenção motora da mesma diante dos movimentos executados pelas crianças ou de tentativa de brincar nas mais diversas situações da aula, devido ao fato de considerá-las como indisciplina e violência. No entanto, percebemos que as atitudes das crianças tidas como indisciplina pela professora, apresentavam-se como uma forma de descarga motora em consequência dos longos períodos em que a coação da professora exigia que estivessem quietas, sentadas e executando o mínimo de movimentos possível.

Tivemos a oportunidade de reconhecer através das observações e das falas das crianças que atividades realizadas de forma mais prazerosa pelas crianças estavam relacionadas ao faz-de-conta e as brincadeiras que envolviam agilidade e movimentos como correr e pular, as quais ocorriam no recreio e não eram propostas pela professora.

Compreendemos dessa maneira, que a mesma estava demasiadamente preocupada com a alfabetização das crianças a fim de prepará-las para adentrar no primeiro ano do ensino fundamental, não percebendo a relevância do lúdico e dos movimentos nesse processo e principalmente para o desenvolvimento infantil, isto é, para a articulação da criança com o meio e com outros indivíduos e no desenvolvimento de práticas motoras e intelectuais, por exemplo. Nesse sentido, a mesma não percebia as brincadeiras e a movimentação como típicas da faixa etária que tais sujeitos estavam vivenciando, não compreendendo certas especificidades das crianças na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.
- LUDKE, Menge e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens educativas*: São Paulo: Epu, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Atenção! Crianças brincando. Cunha Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999. P. 95-121.
- OLIVEIRA, ZIMA Ramos de. Os primeiros passos na construção da idéia e da prática de educação. In: _____. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. Cap.3.
- GALVÃO, Isabel. **Cenas do Cotidiano Escolar: Conflito sim, violência não**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- KRAMER, Sônia. **Com a Pré-Escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2007.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia. Educação infantil: cotidiano e políticas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

CORSARO, Willian A. **Educação social**. Vol. 26, n. 91. Campinas, 2005. Disponível em :<[HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)> . Acesso em: 4 nov. 2011.

SARTORE, Anna Rita. Queda do estatuto simbólico do professor: a indisciplina enquanto sintoma da cultura. Cinthya Torres Melo; Ana Maria de Barros (Org.). **Educação, Estado e Diversidade**. Recife: Universitária da UFPE, 2011.p. 95-112.